



RECORTES DE IMPRENSA

MAIO 2013



COM O APOIO:





ID: 47699359

01-05-2013

APAV

Número de idosos vítimas de violência doméstica aumenta todos os anos

Em apenas três anos, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima identificou um aumento de quase 76 por cento dos casos de violência doméstica contra idosos. Em 2010 a APAV registou 356 crimes de violência doméstica contra idosos, número que subiu para 1.479 em 2012.

O relatório estatístico, publicado no site da associação refere que, entre 2000 e 2012, foram registados 14.139 factos criminosos contra idosos, que levaram à abertura de 7.058 processos de "apoio de pessoas idosas vítimas de crime e de violência", um crescimento de 179% em 12 anos.

Os dados da APAV indicam que 11.334 idosos foram vítimas de violência doméstica (80,2%), 1.733 foram alvo de "crimes contra as pessoas (12,3%) e 946 vítimas de crimes contra o património (6,7%).

Em 39% das situações de violência doméstica reportadas à APAV, os agressores eram os próprios filhos, e em 26,9% dos casos existia uma relação conjugal (cônjuge ou companheiro).

Dos 14.139 factos criminosos, 3.625 referem-se a maus-tratos psíquicos contra idosos, seguindo-se os maus-tratos físicos (3.210), as ameaças ou coação (2.191) e a difamação e injúrias (1.367).

A APAV registou ainda 120 casos de violação no domicílio, 42 situações de violação, 28 de abuso sexual, 17 casos de homicídio tentado e cinco homicídios.

As mulheres têm vindo a representar a maior percentagem de pessoas idosas vítimas de crime neste período: 82,2%.

A maioria (53,3%) tinha idades entre os 65 e os 75 anos e 28,6% entre os 76 e os 85 anos.





ESCOLA SECUNDÁRIA S. PEDRO PARTICIPOU NO “FAÇA-SE JUSTIÇA”

“Faça-se Justiça” é uma iniciativa da revista Forum Estudante com o alto patrocínio da Presidência da República Portuguesa e o patrocínio da APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima) e do IPAV (Instituto Pe. António Vieira). Os alunos das turmas do 12º F e 12º G da Escola S/3 S. Pedro, orientados pelas respetivas diretoras de turma decidiram participar neste programa que visa o desenvolvimento de várias competências.

A simulação do julgamento, um caso de Violência no Namoro, decorreu no Tribunal de Vila Real, na manhã de sexta-feira, 19 de abril e foi presidida pelo juiz-presidente Rui de Carvalho. Todos os intervenientes desempenharam, muito bem, as suas funções.

**Dados oficiais da APAV**

Violência baixa a pique no Alentejo

■ Roberto Dorez

O Alentejo regista a mais baixa taxa do país de adultos vítimas de crime em 2012, não chegando aos 0,3% do total nacional. O distrito de Portalegre é mesmo aquele que apresenta o menor número de pessoas violentadas em Portugal, com três casos. Évora exibe dez processos criminosos contra sete em Beja. Os números foram agora revelados pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) e traduzem uma significativa redução face aos anos anteriores.

Em 2011, o distrito de Évora registou 28 casos de violência, enquanto Beja chegou aos 19 e Portalegre aos 15. Mas se compararmos com 2010 encontramos ainda maiores discrepâncias. Évora chegou aos 53 casos, a maioria (18) na própria capital, Beja teve 23 queixas de violência, sete dos quais no concelho de Odemira, e Portalegre 23, a maioria (dez) no concelho de Sousel.

O Alentejo obtém um resultado em 2012 que vai, claramente,

contra a corrente nacional, onde aumentou o número de vítimas de violência doméstica, sobretudo junto da população idosa, ainda segundo as estatísticas da APAV, existindo também pessoas que são vítimas deste tipo de crime durante mais de vinte anos sem denunciar a situação.

“Umas vezes por vergonha, outras porque há filhos e optam por tentar manter uma aparente estabilidade dentro do lar”, de acordo com Maria de Oliveira, da APAV, alertando que muitos casos só são denunciados quando os filhos são alvo de violência.

Ainda assim, não é de hoje que os portugueses que são vítimas de violência estão a perder a vergonha de denunciar os maus tratos, ainda segundo a dirigente da APAV, sendo que a própria GNR confirma este dado, garantindo que os militares intensificaram a vigilância, sobretudo, junto da população mais isolada.

As autoridades admitem mesmo que alguns idosos ficaram mais expostos à agressão em face do agravamento da situação social

que está a atingir algumas famílias mais problemáticas da região alentejana. “É quase sempre por causa do dinheiro. Quando os pais não dão o que os filhos problemáticos querem, acabam por sofrer represálias, que às vezes descambam em situações muito graves”, diz fonte policial.

A maioria das situações indica que a relação entre agressor e vítima é de filhos e pais, (quase 40% dos casos), enquanto em 26,9% dos casos ocorrem entre marido e mulher, sendo que 3,1% das situações incidem entre netos e avós, sendo que os idosos que vivem mais isolados acabam também por ser os mais vulneráveis, mostrando as estatísticas que 80% das vítimas são mulheres, entre os 70 e os 80 anos.

Relativamente à escolaridade, 8,1% dos autores do crime apenas sabiam ler e escrever. Quanto à actividade económica, 21,4% estavam empregados, 20,7% reformados e 18,4% desempregados. Perto de 17% eram dependentes do álcool e 8,1% não tinham antecedentes criminais.



Candidato do PS aos Olivais reúne com APAV

●●● Linhares de Castro, candidato do PS à Junta de Freguesia de Santo António dos Olivais, reúne-se amanhã, pelas 17H30, com a APAV, em Coimbra. Linhares de Castro, que aponta como primeira prioridade a solidariedade com quem mais sofre violências de todas as espécies, pretende inteirar-se do trabalho realizado em Coimbra, particularmente na freguesia. Além disso, o candidato afirma a sua disponibilidade para cooperar com a APAV, em moldes a definir, contribuindo para a sensibilização dos problemas que afetam todas as vítimas de violência e as respetivas famílias.



Linhares de Castro reúne com APAV

●●● Linhares de Castro, candidato do PS à junta de freguesia de Santo António dos Olivais reúne hoje, às 17H30, com a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), que tem como objetivo promover e contribuir para a proteção e apoio às vítimas de infrações penais através da prestação de serviços gratuitos e confidenciais.



A SEMANA...

FAMÍLIA
MUITO UNIDA

Maria de Belém e Manuel Henriques de Pina têm uma filha. A ex-ministra considera ter uma família "extraordinária" que sempre a apoiou



MARIA DE BELÉM E O MARIDO PASSEARAM NO CHIADO COMO ETERNOS APAIXONADOS

"ELE É O MEU PILAR"

De braço dado, carinhosos... apaixonados. Assim andaram Maria de Belém e o marido, Manuel Henriques de Pina, num passeio no Chiado, em Lisboa. Uma união que não surpreende face à forma sempre elogiosa com que a deputada se refere à família. Casada e mãe de Helena Pina (que estuda Marketing em Madrid), diz mesmo que a sua família é "extraordinária, pois sempre conseguiu aguentar ausências, pressões e, às vezes, algumas tensões". Diz ainda ter um marido "impulsivo". "Está sempre ao meu lado. Nunca foi uma

pessoa que me limitasse e sempre me ajudou a ir mais longe, mesmo que isso signifique menos tempo de convívio. Tem sido sempre o meu grande pilar." Licenciada em Direito, Maria de Belém nasceu no Porto em 1949. Foi ministra da Saúde no Governo de Guterres. É vice-presidente do Grupo Parlamentar do PS, e ocupa ainda, entre outros, o cargo de presidente da Assembleia-Geral da União das Misericórdias Portuguesas e é membro da Direção da APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima.

Texto: LUÍS MARTINS
(luis.martins@impala.pt); Fotos: D.R.

"Nunca foi uma pessoa que me limitasse e sempre me ajudou a ir mais longe"



Exposição de fotografia

Nesta sexta-feira, dia 10 de Maio, às 21.30 h, é inaugurada, na sala de exposições do edifício dos Paços do Concelho, a exposição de fotografia “Olha” por Válder Vinagre.

Além da inauguração da exposição, realiza-se também a apresentação do livro “Olha / APAV 20 Anos”.



Idosos vítimas de agressão

Se há coisas que me impressionam é ver todos os dias através dos meios de comunicação social, a agressividade e maus tratos físicos de que são vítimas os mais frágeis, nomeadamente os idosos.

Esta semana, através da folha informativa da CNIS, foram dados a conhecer dados estatísticos arrepiantes.

Diz a referida folha que em 2010 a APAV registou 356 crimes de violência doméstica contra idosos e que este número subiu em 2012 para 1479.

E entre 2000 e 2012 foram registados 14 139 factos criminosos, embora tenham sido abertos apenas 7058 processos.

Os dados da APAV revelam que 11 334 idosos foram vítimas de violência doméstica, 1733 vítimas de crimes contra pessoas e 946 vítimas de crimes contra o património. E o mais espantoso é que em 39%, os agressores são os próprios filhos. Houve também violação por abuso sexual e homicídios. A idade entre os 65-75 anos atinge 53,3% enquanto 28,6% das agressões atingem pessoas entre os 76 e 85 anos.

Na frieza dos números, se calhar ficamos insensíveis a estes dados. A mim ajuda-me a compreender por que é que desaparecem tantos idosos, alguns encontrados perdidos e muitos sem vida dias, meses e anos, sem que ninguém dê pela sua falta.

O crime é sempre condenável. Mas quando se trata de pessoas que deram o melhor de si mesmos para construir uma família e ajudar o País, mereciam outro fim que não a solidão em que mergulham no final de vida, em muitos casos, levando ao suicídio devido ao abandono da sociedade e até da própria família.

É por isso que cada vez mais admiro as Instituições de Solidariedade Social que com a colaboração das equipas de trabalho permitem um fim de vida com qualidade, com um tratamento ímpar que as próprias famílias não conseguem dar.

Na mensagem do Papa para o dia Mundial do Doente 2013, que se celebrou a 11 de Fevereiro, o Papa escreve: "O ano da fé, que estamos a viver, constitui uma ocasião propícia para se intensificar o serviço da caridade das nossas comunidades eclesiais, de modo que cada um seja o bom samaritano para o outro que vive ao nosso lado". E acrescentamos nós que dar atenção a um vizinho idoso é ser o bom samaritano e receber muitas alegrias pela sua ternura e experiência de vida. Afinal é dando que se recebe.

S.

<div data-bbox="0 0 231 78" data-label="Page-Header"> <div>CISION</div> </div> <div data-bbox="44 152 207 185" data-label="Page-Header"> <div>ID: 47739923</div> </div>	<div data-bbox="504 0 651 138" data-label="Image"> </div> <div data-bbox="517 152 652 185" data-label="Page-Header"> <div>16-05-2013</div> </div>	<div data-bbox="933 31 1053 56" data-label="Page-Header"> <div>Tiragem: 8500</div> </div> <div data-bbox="933 73 1050 98" data-label="Page-Header"> <div>País: Portugal</div> </div> <div data-bbox="933 116 1077 141" data-label="Page-Header"> <div>Period.: Semanal</div> </div> <div data-bbox="933 159 1075 183" data-label="Page-Header"> <div>Âmbito: Regional</div> </div>	<div data-bbox="1217 31 1281 56" data-label="Page-Header"> <div>Pág: 46</div> </div> <div data-bbox="1217 73 1308 98" data-label="Page-Header"> <div>Cores: Cor</div> </div> <div data-bbox="1217 116 1407 141" data-label="Page-Header"> <div>Área: 5,12 x 29,49 cm²</div> </div> <div data-bbox="1217 159 1326 183" data-label="Page-Header"> <div>Corte: 1 de 1</div> </div>	<div data-bbox="1449 15 1576 174" data-label="Image"> </div>
---	---	--	---	--

EXPOSIÇÕES

Santarém

Uma exposição”Quase Séria”

Exposição de pintura de Pedro Espanhol. Balançando entre o Expressionismo e a Nova Objetividade. Entre as aventuras individuais e os temas coletivos. Para ver de 20 de abril a 22 de maio na Casa do Brasil.

50 anos de Feira de Agricultura

No Convento de S. Francisco em Santarém, está patente a Exposição “50 Anos, 50 Imagens”, evento que se enquadra nas comemorações do cinquentenário do certame. A exposição estará patente até 2 de junho e pretende retratar a evolução do evento desde 1964 até aos nossos dias através do olhar dos fotógrafos.

Abrantes

Obras de Cargaleiro

Pinturas de Manuel Cargaleiro na Galeria Municipal de Arte. Para ver até 31 de maio.

Obras de Cargaleiro

De 17 de maio a 16 de junho vai estar patente a exposição ‘As Viagens da Mimi - Uma aventura animada’, no espaço Sr. Chiado. A abertura da exposição é esta sexta-feira, dia 17 às 21h30. Esta exposição está integrada no programa do Animaio, festival de cinema de curtas e longas-metragens de animação.

Ourém

“A Escola da Minha Vida”

“A Escola da Minha Vida, o ensino primário em Portugal: 1900 - 2012” é a exposição temporária que o Museu Municipal de Ourém - Casa do Administrador apresenta a partir do próximo domingo, dia 19 de maio e que fica patente até ao final do ano. Poderá acompanhar as transformações do ensino básico ao longo do último século.

O universo das vítimas em fotografia

Exposição de fotografia “Olha” de Valter Vinagre, patente até 30 de maio na sala de exposições dos Paços do Concelho de Ourém. Esta mostra reúne um conjunto de trabalhos do fotógrafo, sendo o resultado de uma colaboração com a APAV , com o objetivo de retratar o universo das vítimas de crime em Portugal.

Cartaxo

Arte e Bem-Estar

Exposição de pintura Arte e Bem-estar na Galeria de Exposições Pintor José Tagarro. É inaugura no próximo dia 18 de maio, às 17h.

Cartaxo

Arte e Bem-Estar

Pintura Arte e Bem-estar na Galeria de Exposições Pintor José Tagarro. Iwnaugurada a 18 de maio às 17h.



Denúncias de violência doméstica caíram a pique

Em tempo de crise o número de denúncias de violência doméstica caíram 19 por cento. APAV fala em "silêncio" das vítimas

LUÍS PEDRO SILVA
lsilva@acorianoriente.pt

O tempo de crise financeira e social agravou o problema de violência doméstica nos Açores, porque as vítimas sentem receio em denunciar os crimes.

A estatística do Ministério Público revela existir uma diminuição de 19,4 por cento dos crimes de violência doméstica denunciados no círculo judicial de Ponta Delgada - responsável pelos crimes cometidos em São Miguel e Santa Maria.

Durante o ano de 2011 foram denunciados 810 crimes, enquanto o ano passado apenas foram registados 653 crimes.

Helena Chaves, responsável da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, indica que as vítimas de violência doméstica "optam por denunciar nas instituições, mas não querem que o crime seja do conhecimento da polícia ou tribunal".

As causas para o silêncio dos crimes de violência doméstica, segundo Helena Costa, está relacionado com o receio de perderem os filhos.

"As pessoas estão a enfrentar uma situação de desemprego grave, existem muitas famílias com o marido e mulher desempregados, mas as mulheres sempre tiveram maiores dificuldades de conseguir um emprego. Agora, tem mais receio de perder tudo, porque sentem que não tem dinheiro para manter a guarda dos filhos", acrescentando que existem maridos que ameaçam a esposa "que se denunciarem os crimes ficam sem os filhos, porque não tem dinheiro".

Os crimes de violência doméstica acabam por ficar "silenciados" porque as vítimas sentem medo de expor o problema perante a justiça.



JOSÉ CARMO / GLOBAL IMAGENS

Ministério Público incentiva vítimas a denunciarem os crimes

"As mulheres ainda procuram apoio nas instituições, mas agora pedem anonimato. Antigamente ainda conhecíamos as caras das vítimas, mas agora os contactos são na maioria dos casos por telefone" revela a responsável da APAV.

A diminuição das denúncias no Ministério Público e PSP, segundo a APAV, é o reflexo do aumento das cifras negras.

"As mulheres aceitam falar, mas não apresentam queixa porque o marido depois será constituído ar-

Ascendente financeiro cria maiores tensões no seio de um casal

A existência de um elemento no casal - seja homem ou mulher - com maior ascendente financeiro representa um foco de tensão na relação. Helena Costa, responsável da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, conta que já foram registadas situações de homens e mulheres que foram vítimas de violência doméstica, porque necessitavam do dinheiro do companheiro.

"Já tivemos situações de homens

que estavam dependentes de mulheres e sujeitavam-se a situações muito complicadas. Em relação às mulheres ainda existem muitas famílias onde a mulher apenas fica a cuidar da casa, enquanto o homem vai trabalhar para sustentar a família. Algumas mulheres continuam a optar por ser doméstica, mas ficam sempre na dependência financeira de outra pessoa", assinala a responsável da APAV.



Vítimas preferem sofrer em silêncio com medo de perderem os filhos

guido e vai descobrir. As mulheres dizem logo que tem receio de após a queixa serem colocadas fora de casa", revela a APAV.

Helena Costa reconhece que existem "famílias que estão mais unidas, não porque se estão a dar melhor, mas porque precisam de dividir o salário ou subsídio de desemprego".

As mulheres que pretendem denunciar os crimes de violência doméstica sabem que "tem acolhi-

situação é o suficiente para provocar um ato violento mais grave", afirma Helena Chaves.

A responsável da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima sente dificuldade em apontar "perfis de risco", porque "as ciências humanas nunca são muito exatas".

Mas os sinais de risco podem ser avaliados pela gravidade das lesões físicas, sobretudo quando obrigam a vítima a receber cuidados de saúde num hospital. Se existem armas de fogo. Se o suspeito apresenta comportamentos agressivos no trabalho ou cafés são sinais que servem de alerta para as instituições de apoio às vítimas.

Helena Costa destaca que os tribunais trabalham para proteger as vítimas e garante existir uma sensibilidade especial para esta temática em Ponta Delgada.

"Existe uma colaboração próxima do tribunal, com a APAV e polícia. Existem redes de trabalho informais e formais. Nota-se uma boa resposta, relativamente rápida e a taxa de condenação é superior à taxa nacional. Os procuradores do Ministério Público incentivam a aplicação de medidas de afastamento dos agressores. "As vítimas preocupam-se muito com o tempo de espera, mas nestes casos o processo demora cerca de cinco a seis meses", concluiu. *

Maridos ameaçam mulheres que se denunciam crimes são colocadas fora de casa e perdem os filhos

mento numa casa abrigo", mas a pergunta que colocam é o que vai acontecer depois.

"As vítimas de violência doméstica, como a população em geral, apresentam uma grande falta de esperança e optam por viver o dia a dia. Não tomam nenhuma medida de prevenção".

A falta de dinheiro nas famílias provoca um aumento das tensões familiares, porque "existem pessoas a perderem os seus empregos e casas".

"Nota-se que existem pessoas muito pressionadas e uma pequena

JOSÉ CARMO / GLOBAL IMAGENS

ARQUIVO AO / EDUARDO COSTA



Foram denunciados 191 crimes até 30 de abril



Tribunal garante suporte às vítimas de violência doméstica



Helena Costa lidera associação de apoio à vítima

“A denúncia é a única maneira de parar a violência doméstica”

O procurador da república, João Paulo Carreira, responsável pelo círculo judicial de Ponta Delgada, garante que “a denúncia é a única maneira de parar a violência doméstica”.

O silêncio das vítimas impede o Ministério Público de promover medidas para proteger as vítimas e acusar os agressores.

O responsável do Ministério Público, nas ilhas de São Miguel e Santa Maria, não dispõe de elementos “que apontem para a existência de crimes silenciados pelas vítimas”, mas admite, em teoria, que “em momentos de crise económica quem está numa situação de especial fragilidade se sinta mais inibido de apresentar uma queixa”.

No entanto, João Paulo Carreira, assegura que os mecanismos de proteção às vítimas “existem e estão consolidados”, acrescentando que as mulheres ou homens, vítimas de violência doméstica podem estar seguros da

eficácia dos meios de proteção existentes.

“Se esse receio das vítimas existe é subjetivo, porque há meios eficazes para defender as vítimas”, assegurou.

O atual período de crise económica e social poderá contribuir para o aumento da gravidade das agressões. O Ministério Público não dispõe de dados que apontem esta possibilidade, deixando esta questão para os sociólogos, mas reconhece que “as dificuldades da vida fazem as pessoas procurarem outros paliativos, como o álcool e droga, que são bons companheiros da violência”.

Durante este ano, até 30 de abril, já foram denunciados 191 crimes de violência doméstica, em São Miguel e Santa Maria.

As situações mais graves registadas foram um homicídio no Pico da Pedra e uma tentativa de homicídio registada na Lagoa, que será julgada durante o próximo mês. ♦

Programa Contigo é caso de sucesso

O programa Contigo, criado pelo Ministério Público de Ponta Delgada, em colaboração com diversas entidades regionais e nacionais, representa um exemplo de sucesso na prevenção dos casos de violência doméstica.

Avantagem deste programa é permitir no caso de agressores primários (sem antecedentes criminais) participarem num programa de socialização para evitarem reagir de forma violenta durante as

discussões familiares. O cumprimento deste programa permite a suspensão do processo judicial e poderá contribuir para a manutenção da vida familiar, mas apenas quando a vítima aceitar a aplicação deste programa ao agressor.

No entanto, este programa apenas é aplicado quando as vítimas denunciam os crimes.

Nuno Costa, porta-voz do Comando Regional da PSP dos Açores, salienta que a proteção asse-

gurada na proteção das vítimas “apresenta resultados positivos”, sobretudo no caso do programa Contigo.

A PSP considera que o principal na prevenção dos casos de violência doméstica é a correta “avaliação do risco” para garantir as adequadas medidas de proteção das vítimas. “Queremos que as situações de violência extrema não aconteçam”, reforçou. ♦



Violências sobre os idosos

LINO MAIA

Um relatório recente da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) refere que mais de 11.300 idosos, a grande maioria mulheres, foram vítimas de violência doméstica nos últimos 12 meses, um número que tem vindo a aumentar todos os anos. Os agressores são maioritariamente homens (68%) e em 39% das situações de violência doméstica os agressores eram os próprios filhos.

A violência sobre os idosos é preocupante. E tem outras manifestações: responsáveis políticos a considerá-los "peste grisalha" e o Estado a espoliá-los de parte das suas parcas reformas é tirar a vez a uma geração sem voz e condená-la a um "cisma grisalho". Eles que pugnaram com fundadas expectativas e muitas vezes são o último sustentáculo das respectivas famílias em tempos difíceis.

Num sistema com inspiração capitalista, temos o factor económico a ditar regras, onde o humano que deveria ser, simultaneamente, fim e sagrado em si mesmo, passa a ser meio de uma economia desumanizada, transformando cada um de nós em produtos, portanto, descartáveis. Vai sendo favorecida a ideia de que quem não produz, quem não domina os avanços da tecnologia... logo é excluído e taxado de ignorante, inútil ou estorvo.

Incentivados por uma comunicação social que aquece o sistema económico, fixando e

impregnando o pensamento de todos nós, sugerindo a cada dia que a velhice não tem lugar existencial no mundo, não é difícil iniciarmos um processo profundo de rejeição aos idosos, sem sequer notarmos os equívocos praticados e por isso mesmo, nem sentimos vergonha, como se nós, praticantes de tais actos, nunca houvéramos de envelhecer. Desde o mundo corporativo, com seus cruéis processos selectivos, que excluem os seniores, ao progressivo abandono ou carência na área da protecção social e demais serviços que deveriam estar disponíveis e em pleno funcionamento, constatamos a inabilidade, tanto no universo privado quanto público, para acolher o idoso, e propiciar-lhe, não só infra-estruturas necessárias, mas também a valoração e a dignidade pertinente a cada vida.

Como resultado de todo um processo educacional omissivo, que não trabalha na formação de uma consciência política, social, económica e familiar para se viver com maior qualidade esta fase tão prevista na história dos humanos, é frequente a sua subalternização e insuficiente o auxílio nesta etapa avançada da vida. Tanto o próprio idoso, como os que estão à sua volta, sentem-se sem recursos nesta fase para enfrentar os desafios da vida com qualidade e esperança.

A nossa sociedade deve saber encarar as suas contradições, pois quanto maior o número de contradições menor a qualidade de tudo o que empreendemos. Como uma gran-



de catalisadora, pensar em formas criativas de abrir canais receptivos para que também o idoso contribua efectivamente com as gerações mais novas por meio de seu maior património: suas experiências e vivências adquiridas durante a sua caminhada existencial. O idoso, com a sua sabedoria adquirida nos seus muitos anos de vida, torna-se o transmissor dos valores da cultura tradicional herdada dos seus antepassados e a progressiva harmonia inter-geracional apenas com o contributo de todos é possível.

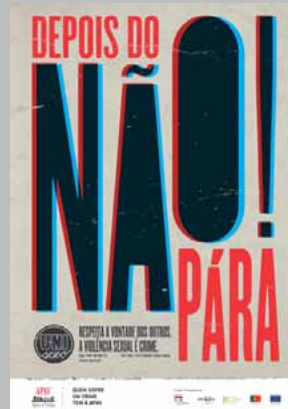
Preservar a autonomia, independência e a dignidade do idoso, promover o conceito de comunidades e instituições amigas dos idosos, implica em sabermos usufruir da beleza que é a vida, em todas as fases da sua natural evolução, com seus desafios, encantamentos, limitações e possibilidades. Qualidade de vida pode ser alcançada a partir de todas as áreas acima relacionadas, mas, acima de tudo, implica na preservação e na partilha do prazer em todos os seus aspectos.

Uma família ou uma sociedade que não enaltece os idosos ou os abandona e os maltrata não merece viver o seu presente porque desvaloriza a ciência e a serenidade da experiência, ignora o seu próprio passado e não constrói o seu porvir...



“DEPOIS DO NÃO, PARA”

O Projeto Uniso da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) esteve presente nas ruas de Coimbra com a campanha “Depois do não, para!” Esta é uma iniciativa de prevenção da violência sexual no ensino superior. Voluntários e técnicos da APAV saíram à rua durante as noites da Queima das Fitas, entre 3 e 9 de maio, para disseminar informação preventiva sobre violência sexual. A APAV tem como objetivo facilitar o recurso das potenciais vítimas de crimes sexuais aos serviços de ajuda, reforçar a empatia da comunidade para com as vítimas de crimes sexuais e prevenir comportamentos de risco.



Tratar mal os namorados é "normal" para os jovens

Inquérito. Para os 885 rapazes e raparigas inquiridos, dos 11 aos 18 anos, humilhar, chamar nomes e dar ordens no namoro é legítimo



Banalização da violência preocupa investigadora

Questionário sobre violência no namoro

Amostra: 885 alunos (448 rapazes e 437 raparigas)



Rapazes

Agredir a/o namorada/o e deixar marca é ser violento/a?

5% acham que não

100% acham que sim (sete delas admitiram ter sido espancadas pelos namorados)

Agredir a/o namorada/o e não deixar marca é ser violento/a?

7,4% acham que não

100% acham que sim

Humilhar a/o namorada/o é ser violento/a?

25% acham que não

13,3% acham que não

Chamar nomes à/ao namorada/o é ser violento/a?

10% acham que não

22% acham que não

Proibir a/o namorada/o de vestir determinado tipo de roupas é legítimo?

56,5% acham que sim

50% acham que não

Proibir a/o namorada/o de sair com determinados amigos é legítimo?

51% acham que sim

42% acham que sim

Aceder ao telemóvel da/o namorada/o é legítimo?

54,25% acham que sim

43% acham que sim

Obrigar a/o namorada/o a fazer coisas que não quer é violento?

29% acham que não

16% acham que não

Ameaçar a/o namorada/o é normal?

15,65% acham que sim

5% acham que sim

RUTE COELHO

Sete raparigas, adolescentes, tiveram "a coragem de contar que eram espancadas pelos namorados", contou ao DN a psicóloga Cecília Loureiro, que coordenou um inquérito sobre violência no namoro a 885 alunos, dos 11 aos 18 anos, de escolas do Porto e de Braga.

Humilhar, chamar nomes, dar ordens, decidir que roupa vestem, vasculhar os telemóveis: estes são alguns dos comportamentos considerados "normais" e não violentos por grande parte dos inquiridos, rapazes e raparigas. Para a psicóloga Cecília Loureiro, "negativo e surpreendente é a repetição do modelo agressivo dos homens por parte das raparigas". Uma banalização da violência evidente em casos como as "agressoras do Facebook", as duas jovens que foram filmadas a agredir uma menor (*na foto*).

Alguns dos jovens inquiridos estarão hoje a apresentar painéis com temas como "Quando digo 'não' é mesmo 'não'", na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, no seminário Mudanças com Arte, coordenado pela psicóloga da UMAR - União de Mulheres Alternativa e Resposta. "Surpreendida" pela "facilidade com que rapazes e raparigas assumem como normais comportamentos que são violentos no namoro", Cecília Loureiro teve contacto com testemunhos chocantes. "Entre as 437 raparigas inquiridas houve sete delas que nos admitiram, a título pessoal, que já tinham sido espancadas", referiu a psicóloga.

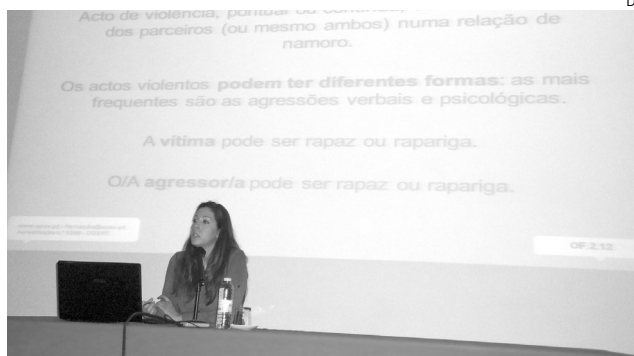
Modelos agressivos

Cecília Loureiro percebeu que nas raparigas predomina a cultura "masculina". "As raparigas, para serem iguais aos rapazes, acham que têm de copiar os modelos agressivos dos homens." Apesar de a totalidade das inquiridas condenar a violência física no namoro, muitas delas já estão de acordo com a violência psicológica (humilhar, ameaçar, dar ordens, decidir a roupa que o namorado usa) ou com a violação da privacidade no namoro (vasculhar o telemóvel do namorado).

Entre os rapazes, foi possível ver alguns a considerarem que agredir a namorada não é ser violento. É um universo de 5% (agressão com marcas) a 7,4% (agressão sem marcas) dos inquiridos. Cecília Loureiro alerta: "É preciso mudar estes comportamentos."



Violência no namoro foi tema de palestra



Ana Raquel Simão alertou para os diferentes tipos de violência

PREVENÇÃO Na Biblioteca Municipal de Cantanhede foi dinamizada uma palestra subordinada ao tema “Violência no namoro/ bullying”, que contou com colaboração de Ana Raquel Simão, psicóloga da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). A palestra foi dirigida aos formandos da Escola Técnico-Profissional de Cantanhede (ETPC) e respetivos formadores.

Esta iniciativa decorreu no âmbito do projecto de prevenção da violência escolar, que se

insere no programa de educação para a saúde escolar. Na palestra foi feita referência aos diferentes tipos de violência, recorrentes no namoro, entre elas, a violência física e psicológica. Foram aqui dados bastantes exemplos, como a invasão de privacidade no que diz respeito à invasão das contas das redes sociais, do e-mail e dos telemóveis.

Esta iniciativa da ETPC direccionada aos formandos inseriu-se no projecto de prevenção da violência escolar.◀



ID: 47903235

01-03-2013 | Carga & Mercadorias

DHL TRANSPORTA MATERIAL DA EXPOSIÇÃO 'OLHA' – A DHL assinou protocolo com a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) para garantir o transporte gratuito, a nível nacional, de todo o material da exposição de fotografia "OLHA". O protocolo foi assinado por Américo Fernandes, diretor geral da DHL Express Portugal e João Lázaro, presidente da APAV. A exposição de fotografia retrata as vítimas de crime em Portugal e irá percorrer todo o país, nomeadamente Ourém, Aveiro, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Coimbra, Évora, Faro, Guarda, Leiria, Portalegre, Porto, Santarém, Setúbal, Viana do Castelo, Vila Real e Viseu.



Exposição de fotografia mostra universo das vítimas de crime

Está patente até 30 de Maio na sala de exposições dos paços do concelho de Ourém a exposição de fotografia de Valter Vinagre intitulada "Olha". Esta mostra reúne um conjunto de trabalhos do fotógrafo sendo também resultado de uma colaboração com a APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima) retratando o universo das vítimas de crime em Portugal. A entrada na exposição é livre.

/PRIMEIRO PLANO // QUEIXAS NÃO CHEGAM A ACUSAÇÃO

Arquivamento de processos ronda os 80% dos casos

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CALA-SE POR MEDO

Susana Otão
susana.otao@jn.pt

Mais de 80% das queixas por violência doméstica acabam arquivadas na justiça. Um crime de difícil prova quando as vítimas se calam. O medo traz o silêncio, muitas vezes apenas para elas se protegerem.

Nos últimos dois anos, dos 50579 processos que entraram no Ministério Público (MP) por queixas de violência doméstica, só 8179 resultaram em acusações. Um número avassalador de arquivamentos, a rondar os 80%, num crime de difícil prova e onde as vítimas têm um papel fundamental para que o processo não finde. No entanto, muitas delas remetem-se ao silêncio e o medo é um sentimento que acaba por arquivar muitos desses processos.

"As vítimas calam-se porque não se sentem protegidas. Se as ameaças continuam e se não foi aplicada uma medida de coação eficaz, as vítimas remetem-se ao silêncio apenas para se protegerem", realçou, ao JN, Sónia Reis, psicóloga criminal e gestora do Gabinete de Apoio à Vítima de Setúbal.

"Quando denunciam o crime as autoridades agem, mas é naquele momento, depois o risco mantém-se. Uma medida de afastamento, por exemplo, vale o que vale para um agressor. Uns respeitam, outros não", destaca.

Existem, porém, outras situações em que as vítimas não colaboram com as autoridades porque já se encontram de novo na relação com o agressor e se, por um lado, têm medo de represálias, por outro, acreditam que a violência vai parar. "A urgência da ação judicial não corresponde

aos tempos vivenciais das pessoas. Algumas vítimas retomam as relações acreditando que o agressor vai mudar e assim não pretendem dar continuidade ao processo crime", destacou a psicóloga Alexandra Dourado, da UMAR, para apontar: "Há vítimas que, já separadas, não voltam a ser agredidas, mas receiam que ao dar continuidade ao processo voltem a ser revitimizadas. Outras têm medo pelos familiares e não colaboram com a ideia de que assim a violência diminuirá".

Transversal na sociedade

Para Maria Fernanda Alves, responsável pela Unidade Contra a Violência Doméstica, do DIAP de Lisboa, este é o grande revés nas investigações deste crime. "É um tema muito pessoal e um crime que geralmente ocorre no seio familiar. Muitas vezes as vítimas só querem que a agonia pare naquele momento. Quando se avança com o processo, recuam. Aí se as vítimas se calam, os agressores se calam e não há testemunhas, é difícil fazer a prova", salientou, destacando a título de exemplo a violência contra idosos: "Alguns são maltratados pelos filhos, mas não dizem nada porque não querem que ninguém lhes faça mal... porque são os seus filhos!". Para a procuradora este é um problema transversal a todas as classes sociais e cujas denúncias raramente chegam pela voz da vítima.

Apesar de salientar que as estatísticas dos arquivamentos podem ser enganosas, porque, por vezes, o arquivamento ocorre simplesmente porque o crime, à partida, foi mal catalogado, relembra que o depoimento para memória futura – a vítima só prestar um depoimento na altura da participação do crime –, são uma arma que poderá combater esses números. ●



Crime público não deixa retirar queixa da justiça

O CRIME de violência doméstica assume a natureza de crime público, o que significa que feita a denúncia (pela vítima ou terceiro) não é admissível a desistência. No entanto, no processo penal, para além da acusação que conduz ao julgamento do agressor, o MP pode decidir, com o acordo do juiz de instrução e a requerimento livre da vítima, pela suspensão provisória do processo.

Para que isto suceda o alegado agressor não pode ter sujeitoado a vítima a ofensas corporais graves, nem ter

sido anteriormente condenado por crimes da mesma natureza.

Segundo Maria Fernanda Alves, do DIAP de Lisboa, é um crime onde a taxa de reincidência é muito elevada, pelo que quando as vítimas pedem a suspensão do processo "há que esclarecê-las e, apesar de não recriminar, garantir-lhes que se a violência voltar a acontecer devem denunciar". No ano passado, só no distrito de Lisboa, 94 vítimas pediram a suspensão de processos crime por violência doméstica. ●

MAIS DETALHES

42%

dos crimes ocorreram na presença de crianças

Grande parte dos casos de violência doméstica participados às autoridades, foram presenciados por crianças, segundo o projeto Lexis, promovido pela Associação Portuguesa de Mulheres Juristas.

Um dos crimes mais participados no país

Em 2012, o crime de violência doméstica foi o mais participado, com 22 247 situações, mais 6,3% do que em 2011.



37

homicídios conjugais durante o ano de 2012

Ocorreram mais 10 casos do que em 2011, na grande maioria mulheres, vítimas às mãos dos companheiros. 10% dessas situações ocorreram em contexto homossexual.



SARA MATOS / GLOBAL IMAGES

Há 258 presos e 126 em casa com pulseira eletrónica

CUMPREM atualmente penas de prisão nos estabelecimentos prisionais portugueses 258 pessoas, no âmbito de condenações por violência doméstica, segundo dados avançados, ao JN, pela Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais.

Só no distrito judicial de Lisboa foram condenadas a penas de prisão efetiva 13 arguidos, durante o último ano. Segundo a 7ª Secção do DIAP que investiga estes crimes na Grande Lisboa, foram condenados, em 2012, 136 indivíduos por crimes de violência doméstica e 93 foram absolvidos, num total de 417 acusações.

No entanto, e como asseverou ao JN a procuradora Maria Fernanda Alves, em

juízo os juizes "ainda não estão completamente sensibilizados para aplicação de penas acessórias", pelo que em muitos casos as condenações passam por penas de prisão com pena suspensa e o agressor continua a frequentar alguns dos locais onde está a vítima.

Pena não é dissuasora

Para a psicóloga Sónia Reis, da APAV, a moldura penal para crimes de violência doméstica, que pode ir de um a cinco anos de prisão, não é dissuasora. "As penas continuam a ser brandas e os agressores sabem disso. Na maioria dos casos são penas suspensas e, na prática, isso não tem qualquer pedagogia", destaca, para salvaguardar que o agressor "pode não voltar a ser violento com aquela vítima especificamente mas reincidir com outra vítima".

No que respeita a medidas de coação antes do julgamento tem-se registado um aumento da aplicação da medida de vigilância eletrónica aos agressores. Atualmente, são 126 as pessoas que estão vigiadas eletronicamente ao abrigo de processos de violência doméstica. ●

PULSEIRAS

126

personas com vigilância eletrónica no âmbito do crime de violência doméstica

REPORTAGEM // MARIA foi agredida durante anos à frente do filho. Saiu de casa, voltou e agora disse basta. Quer ser feliz. Por: **Susana Otão**

Ramos de flores que batem

Conheceram-se na aldeia de Maria (nome fictício), perdida no verde do Minho e foi amor à primeira vista. José, 57 anos, era "uma pessoa meiga, carinhosa e bem disposta". E não descansou enquanto não a trouxe com ele para Lisboa, no ano 2000. "Iamos criar um negócio. Estávamos tão felizes", conta, de olhos a sorrir, Maria, 46 anos, no mesmo segundo em que os seus lábios se cerram: "Custa muito recordar...".

A primeira agressão aconteceu em 2004: "Por ciúmes, eu não podia falar com ninguém". Nessa altura, não o denunciou e foi acalmando a dor da alma e do corpo com os beijos do filho bebé e com pomada "Hirudoid". "Fiquei uma semana em casa com a cara toda amas-

sada. Ele dizia que eu estava doente..."

Alguns anos passaram e, em finais de 2007, recebeu mais "um ramo de flores", como diz, ironicamente. Também aí, "com medo de perder o filho", resolveu ficar calada. Só em 2010, quando uma violenta agressão, onde o sangue lhe turvou a vista e o seu filho correu para chamar os vizinhos, acabou por tomar uma decisão: "Na GNR, um guarda disse-me: 'Se não fizer queixa, faço eu'".

Mas José não se afastou. "Aparecia no trabalho. Dizia que estava arrependido, que gostava de mim... e pronto caí na asneira", lembra Maria, afagando um braço que diz nunca ter ficado bem "com tanta tarefa". O processo seguia no Ministério Público. Mas como já tinha voltado à sua "casinha, onde tinha tudo",

acreditou que "ia ser diferente" e deixou morrer o assunto na justiça.

No último mês de abril, José, que se encontra doente com cancro, "enervou-se". Depois dos maus tratos físicos e verbais, pegou numa caçadeira e apontou a Maria. "É isso que queres? Força", disse-lhe a mulher, enquanto agarrava o filho, agora com 9 anos. A caçadeira não obedeceu à mão pesada de José e Maria soube que era o momento de deixar definitivamente aquele homem.

Foi acolhida num centro para mulheres vítimas de violência doméstica. O processo corre na justiça e o seu aparelho de teleassistência é um amigo. "Se ele aparecer, isto apita e aparece a GNR. Estou a construir tudo do nada, com o meu filho. Lá no centro ajudaram-nos bastante, mas nós, mulheres, temos de ter muita força para andar para a frente", diz, contando, orgulhosa, que já alugou uma casa e que o negócio vai dando para pagar as contas. O filho é o que a mais preocupa: "Depois de tudo, não tem o melhor comportamento na escola. Havemos de ultrapassar", confessa, para confessar que às vezes ainda pensa no marido: "Tenho muita pena e mói ver alguém que amámos sofrer por estar doente. Mas agora nunca mais. Sou eu...ou ele. Quero ser feliz!". ●

Teleassistência é "amiga" das vítimas

PARECE um telemóvel mas, ao agarrar nele, "Joana" sente-se segura. "Sei que se o meu ex-marido estiver nas redondezas, as autoridades são avisadas. Além disso, posso proteger-me", revelou, ao JN, uma vítima que vê na teleassistência "uma amiga".

Este serviço assegura às vítimas uma resposta rápida em situações de risco e ainda apoio emocional através do Centro de Atendimento da Cruz Vermelha Portuguesa. Esta é uma das medidas que têm vindo a ser atribuídas às vítimas pelos tribunais e, só

no distrito de Lisboa, no ano passado, 29 vítimas de violência doméstica beneficiaram deste serviço que permite monitorizar os movimentos do agressor e garantir o afastamento da vítima.

No entanto, e segundo Alexandra Dourado da UMAR,

"apesar de se sentir cada vez mais uma maior sensibilização por parte do Ministério Público, a aplicação de medidas de proteção às vítimas ainda é insuficiente", realça, lembrando que só em último caso são decretadas prisões preventivas. ●

MEDIÁTICOS // CONDENADOS



Paco Bandeira

CONDENADO A PENA DE PRISÃO SUSPensa

O músico Paco Bandeira foi condenado, em julho do ano passado, a uma pena de três anos e quatro meses de prisão, com pena suspensa por violência doméstica sobre a sua ex-companheira, Maria Roseta Ferreira.



João Murillo

PINTOR TERÁ DE PAGAR A EX-MULHER

O artista plástico João Murillo foi condenado, em 2008, a pagar cerca de 10 mil euros de indemnização por ter agredido a jornalista da RTP Ana Ribeiro durante o namoro. O pintor negou e interpôs recurso.



Mais de 8000 crianças e jovens vítimas de crime

MAIS de 8.200 crianças e jovens foram vítimas de crime e de violência nos últimos 12 anos, revela um estudo da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). A evolução do número de casos atingiu o seu valor mais elevado em 2011 e 2012, ambos os anos com 887. Em 12 anos houve aumento de 167,2%.



29-05-2013

Tiragem: 27259

País: Portugal

Period.: Diária

Âmbito: Informação Geral

Pág: 7

Cores: Cor

Área: 4,85 x 6,87 cm²

Corte: 1 de 1



8200 jovens foram vítimas de crime nos últimos 12 anos

PORTUGAL Mais de 8200 crianças e jovens foram vítimas de crime e de violência nos últimos 12 anos, revela um estudo da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). Entre 2000 e 2012, a associação registou um total de 8274 processos de apoio a crianças e jovens vítimas de crime e violência, a que correspondem um total de 13 438 factos criminosos.



APAV lança campanha no Dia da Criança

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima assinala o dia 1 de Junho, Dia Mundial da Criança, com o lançamento de uma nova campanha de sensibilização, sobre crianças e jovens vítimas de crime e de violência.

Segundo nota de imprensa, entre 2000 e 2012 a APAV registou um total de 8.274 processos de apoio de crianças e jovens vítimas de crime e de violência, que se traduziram num total de 13.438 factos criminosos. De 2000 para 2012 verificou-se um aumento processual de 167,2%.

A mesma fonte refe-

re que a APAV, através da sua rede nacional de Gabinetes de Apoio à Vítima e da sua rede de voluntariado, tem procurado dar visibilidade à violência exercida contra as crianças e os jovens através da sua acção junto dos alunos no seio da comunidade escolar, alertando para as diferentes formas de violência e para a importância de denunciar e pedir ajuda.

Segundo a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, o objectivo da iniciativa é passar a mensagem de que “muitas crianças vêem de noite aquilo que ninguém quer ver de dia”.

No âmbito do projeto de prevenção da violência escolar

Palestra sobre “Violência no Namoro e Bullying” na ETPC

No início do presente mês de maio, foi dinamizada, na Biblioteca Municipal de Cantanhede, uma palestra subordinada ao tema “Violência no Namoro/ Bullying”, que contou com colaboração de Ana Raquel Simão, psicóloga da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV).

A palestra foi dirigida aos formandos da Escola Técnico-Profissional de Cantanhede (ETPC) e

respetivos formadores.

Estas atividades decorreram no âmbito do projeto de prevenção da violência escolar, que se insere no programa de educação para a saúde escolar. Na palestra foi feita referência aos diferentes tipos de violência, recorrentes no namoro, entre elas, a violência física e psicológica. Foram aqui dados bastantes exemplos, como a invasão de priva-



A palestra foi dirigida aos formandos da Escola Técnico-Profissional de Cantanhede (ETPC) e respetivos formadores

cidade no que diz respeito à invasão das contas das redes sociais, do email e dos telemóveis.■

CAMPANHA DA APAV

Crianças são vítimas

■ A Associação de Apoio à Vítima (APAV) lançou uma campanha para sensibilizar a população para as crianças vítimas de crime.

APAV lança nova campanha de sensibilização sobre crianças vítimas de crime

LUSA 29/05/2013 - 12:54

Em 12 anos, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima acompanhou mais de oito mil crianças e jovens vítimas de crime e violência.



A Associação de Apoio à Vítima alertou nesta quarta-feira que muitas crianças vítimas de crime têm dificuldade em denunciar a situação e, para sensibilizar a população para este problema, lançou uma campanha no âmbito do Dia Mundial da Criança.

Entre 2000 e 2012, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) registou um total de 8.274 processos de apoio de crianças e jovens vítimas de crime e de violência, que se traduziram num total de 13.438 factos criminosos.

“Sabemos que [este números] ainda são uma ponta do icebergue. Há muitas crianças que estão em silêncio e têm dificuldade em fazer valer os seus direitos e interesses e, naturalmente, tomar a iniciativa de pedir ajuda”, disse hoje à agência Lusa Helena Sampaio, da APAV.

Para alertar para esta situação, a APAV, através da sua rede nacional de gabinetes de apoio à vítima e da rede de voluntariado, tem procurado dar visibilidade à violência exercida contra as crianças e os jovens junto dos alunos nas escolas, alertando para as diferentes formas de violência e para a importância de denunciar e pedir ajuda.

Helena Sampaio adiantou que a maior parte das situações de vitimação ocorre em contexto familiar e que as crianças, por iniciativa própria, “não quebram o seu silêncio”.

“Há situações em que as crianças são expostas à violência e, contudo, há desconhecimento, há ausência de compreensão relativamente ao impacto da exposição em que as crianças são colocadas no contexto familiar e extrafamiliar relativamente às questões de violência”, sublinhou. “Daí que cada vez mais estamos atentos e procuramos dar visibilidade à violência exercida contra elas”, acrescentou.

«Muitas crianças veem de noite aquilo que ninguém quer ver de dia»

APAV alerta para crimes sobre menores

Texto Juliana Batista | Foto APAV | 29/05/2013 | 16:27



Segundo a Associação de Apoio à Vítima, muitas crianças vítimas de crime têm dificuldade em denunciar a situação. Para sensibilizar a população para este problema, vai ser lançada uma nova campanha sobre menores vítimas de crime

IMAGEM

A+ A- ENVIAR IMPRIMIR COMENTAR PARTILHAR

PORTUGAL ANTERIOR SEGUINTE

Muitas crianças vítimas de crime têm dificuldade em denunciar a situação, e, por iniciativa própria, «não quebram o silêncio», afirmou Helena Sampaio, da Associação de Apoio à Vítima (APAV). Para sensibilizar a população para esta problemática, a APAV espalhou 20 cartazes por vários pontos da Grande Lisboa, que mostram a fotografia de uma criança, em que os olhos refletem a imagem de um adulto a levantar a mão, com a mensagem: «muitas crianças veem de noite aquilo que ninguém quer ver de dia».

A campanha será complementada com uma ação de rua que irá decorrer no Largo do Chiado, na capital portuguesa, no próximo sábado, 1 de junho, «Dia Mundial da Criança». Durante esta iniciativa, serão projetadas imagens para sensibilizar a população para estas «questões sociais, em que as maiores vítimas são as crianças», explicou a responsável em declarações à agência Lusa.

Entre 2000 e 2012, a APAV registou um total de 8.274 processos de apoio de crianças e jovens vítimas de crime e de violência, que se traduziram num total de 13.438 factos criminosos. «Sabemos que [estes números] ainda são uma ponta do icebergue. Há muitas crianças que estão em silêncio e têm dificuldade em fazer valer os seus direitos e interesses e, naturalmente, tomar a iniciativa de pedir ajuda», referiu.

APAV lança nova campanha de sensibilização sobre crianças vítimas de crime

Actualizado em 29 de Maio, às 11:24

Fonte: Lusa

A Associação de Apoio à Vítima alertou hoje que muitas crianças vítimas de crime têm dificuldade em denunciar a situação e, para sensibilizar a população para este problema, lançou uma campanha no âmbito do Dia Mundial da Criança.


Entre 2000 e 2012 a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) registou um total de 8.274 processos de apoio de crianças e jovens vítimas de crime e de violência, que se traduziram num total de 13.438 factos criminosos.

"Sabemos que [este números] ainda são uma ponta do icebergue. Há muitas crianças que estão em silêncio e têm dificuldade em fazer valer os seus direitos e interesses e, naturalmente, tomar a iniciativa de pedir ajuda", disse hoje à agência Lusa Helena Sampaio, da APAV.

Etiquetas

APAV, campanha, Dia Mundial da Criança


Ferramentas

 Share

 Like 0

 +1 0

 Tweetar 0

   0

+ a a -a

Interessante

Achou este artigo interessante?

☆ ☆ ☆ ☆ ☆

Marketing Social ISG

quarta-feira, 29 de maio de 2013

“Muitas crianças veem de noite aquilo que ninguém quer ver de dia”.

“Entre 2000 e 2012 a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) registou um total de 8.274 processos de apoio de crianças e jovens vítimas de crime e de violência, que se traduziram num total de 13.438 factos criminosos.

“Sabemos que [este números] ainda são uma ponta do icebergue. Há muitas crianças que estão em silêncio e têm dificuldade em fazer valer os seus direitos e interesses e, naturalmente, tomar a iniciativa de pedir ajuda”, disse hoje à agência Lusa Helena Sampaio, da APAV.

Para alertar para esta situação, a APAV, através da sua rede nacional de Gabinetes de Apoio à Vítima e da rede de voluntariado, tem procurado dar visibilidade à violência exercida contra as crianças e os jovens junto dos alunos nas escolas, alertando para as diferentes formas de violência e para a importância de denunciar e pedir ajuda.

Helena Sampaio adiantou que a maior parte das situações de vitimação ocorre em contexto familiar e que as crianças, por iniciativa própria, “não quebram o seu silêncio”.

“Há situações em que as crianças são expostas à violência e, contudo, há desconhecimento, há ausência de compreensão relativamente ao impacto da exposição em que as crianças são colocadas no contexto familiar e extra familiar relativamente às questões de violência”, sublinhou.

“Daí que cada vez mais estarmos atentos e procurar dar visibilidade à violência exercida contra elas”, acrescentou.

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima pretende “não só apoiar situações em que as crianças são vítimas, mas também sensibilizar a sociedade civil para estas questões sociais no sentido de cada vez mais dar conhecimento, melhorar a compreensão e denunciar as situações, com os devidos cuidados, e pedir ajuda nos serviços.

No âmbito da nova campanha, a APAV espalhou por vários pontos da Grande Lisboa 20 cartazes que mostram a foto de uma criança, em que os olhos refletem a imagem de um adulto a levantar a mão, com a mensagem: “Muitas crianças veem de noite aquilo que ninguém quer ver de dia”.

Vital Health ► Criança ► Atualidade ► APAV lança campanha de sensibilização sobre crianças e jovens vítimas de crime e de violência

APAV lança campanha de sensibilização sobre crianças e jovens vítimas de crime e de violência

30-05-2013



No Dia Mundial da Criança, dia 1 de junho, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) vai lançar uma nova campanha de sensibilização sobre crianças e jovens vítimas de crime e de violência. "Muitas crianças vêm de noite aquilo que ninguém quer ver de dia" é a mensagem que será divulgada.

Também no dia 1 de junho, e a par do lançamento da campanha, a APAV vai promover uma acção de rua, que irá decorrer em Lisboa.

Estatísticas

A propósito desta nova campanha de sensibilização, a APAV recorda que entre 2000 e 2012 registou um total de 8.274 processos de apoio de crianças e jovens vítimas de crime e de violência, que se traduziram num total de 13.438 factos criminosos. De 2000 para 2012 verificou um aumento processual de 167,2% (+555 processos de apoio). Entre 2005 e 2012 foram praticados 247 crimes contra crianças e jovens em contexto escolar.

Através da sua rede nacional de [Gabinetes de Apoio à Vítima](#) e da sua rede de voluntariado, a APAV tem "procurado dar visibilidade à violência exercida contra as crianças e os jovens através da sua acção junto dos alunos no seio da comunidade escolar, alertando para as diferentes formas de violência e para a importância de denunciar e pedir ajuda". O apoio prestado é confidencial e gratuito.

APAV deixa alerta sobre crianças vítimas de crime

f Like 0

Tweet 0

+1 0

in Share

A Associação de Apoio à Vítima alertou hoje que muitas crianças vítimas de crime têm dificuldade em denunciar a situação e, para sensibilizar a população para este problema, lançou uma campanha no âmbito do Dia Mundial da Criança.

Entre 2000 e 2012 a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) registou um total de 8.274 processos de apoio de crianças e jovens vítimas de crime e de violência, que se traduziram num total de 13.438 factos criminosos.

"Sabemos que [este números] ainda são uma ponta do icebergue. Há muitas crianças que estão em silêncio e têm dificuldade em fazer valer os seus direitos e interesses e, naturalmente, tomar a iniciativa de pedir ajuda", disse hoje à agência Lusa Helena Sampaio, da APAV.

Para alertar para esta situação, a APAV, através da sua rede nacional de Gabinetes de Apoio à Vítima e da rede de voluntariado, tem procurado dar visibilidade à violência exercida contra as crianças e os jovens junto dos alunos nas escolas, alertando para as diferentes formas de violência e para a importância de denunciar e pedir ajuda.

Helena Sampaio adiantou que a maior parte das situações de vitimação ocorre em contexto familiar e que as crianças, por iniciativa própria, "não quebram o seu silêncio".

"Há situações em que as crianças são expostas à violência e, contudo, há desconhecimento, há ausência de compreensão relativamente ao impacto da exposição em que as crianças são colocadas no contexto familiar e extra familiar relativamente às questões de violência", sublinhou.

"Daí que cada vez mais estarmos atentos e procurar dar visibilidade à violência exercida contra elas", acrescentou.

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima pretende "não só apoiar situações em que as crianças são vítimas, mas também sensibilizar a sociedade civil para estas questões sociais no sentido de cada vez mais dar conhecimento, melhorar a compreensão e denunciar as situações, com os devidos cuidados, e pedir ajuda nos serviços.

Campanha APAV deixa alerta sobre crianças vítimas de crime

A Associação de Apoio à Víctima alertou hoje que muitas crianças vítimas de crime têm dificuldade em denunciar a situação e, para sensibilizar a população para este problema, lançou uma campanha no âmbito do Dia Mundial da Criança.



PAÍS

PLUS

[Quinta das Amendoeiras](#)

€40,57

[Booking.com](#)

Melhor Preço Garantido

AdChoices

Entre 2000 e 2012 a Associação Portuguesa de Apoio à Víctima (APAV) registou um total de 8.274 processos de apoio de crianças e jovens vítimas de crime e de violência, que se traduziram num total de 13.438 factos criminosos.

"Sabemos que [este números] ainda são uma ponta do icebergue. Há muitas crianças que estão em silêncio e têm dificuldade em fazer valer os seus direitos e interesses e, naturalmente, tomar a iniciativa de pedir ajuda", disse hoje à agência Lusa Helena Sampaio, da APAV.

Para alertar para esta situação, a APAV, através da sua rede nacional de Gabinetes de Apoio à Víctima e da rede de voluntariado, tem procurado dar visibilidade à violência exercida contra as crianças e os jovens junto dos alunos nas escolas, alertando para as diferentes formas de violência e para a importância de denunciar e pedir ajuda.

Helena Sampaio adiantou que a maior parte das situações de vitimação ocorre em contexto familiar e que as crianças, por iniciativa própria, "não quebram o seu silêncio".

"Há situações em que as crianças são expostas à violência e, contudo, há desconhecimento, há ausência de compreensão relativamente ao impacto da exposição em que as crianças são colocadas no contexto familiar e extra familiar relativamente às questões de violência", sublinhou.

"Daí que cada vez mais estarmos atentos e procurar dar visibilidade à violência exercida contra elas", acrescentou.

A Associação Portuguesa de Apoio à Víctima pretende "não só apoiar situações em que as crianças são vítimas, mas também sensibilizar a sociedade civil para estas questões sociais no sentido de cada vez mais dar conhecimento, melhorar a compreensão e denunciar as situações, com os devidos cuidados, e pedir ajuda nos serviços.

No âmbito da nova campanha, a APAV espalhou por vários pontos da Grande Lisboa 20 cartazes que mostram a foto de uma criança, em que os olhos refletem a imagem de um adulto a levantar a mão, com a mensagem: "Muitas crianças veem de noite aquilo que ninguém quer ver de dia".

Nacional / Internacional

29 Mai 2013, 12:36h

APAV lança nova campanha de sensibilização sobre crianças vítimas de crime



Share

Like

Inês Jorge, Jorge Beleza and 11,901 others like this.

A Associação de Apoio à Víctima alertou hoje que muitas crianças vítimas de crime têm dificuldade em denunciar a situação e, para sensibilizar a população para este problema, lançou uma campanha no âmbito do Dia Mundial da Criança.

Entre 2000 e 2012 a Associação Portuguesa de Apoio à Víctima (APAV) registou um total de 8.274 processos de apoio de crianças e jovens vítimas de crime e de violência, que se traduziram num total de 13.438 factos criminosos.

"Sabemos que [este números] ainda são uma ponta do icebergue. Há muitas crianças que estão em silêncio e têm dificuldade em fazer valer os seus direitos e interesses e, naturalmente, tomar a iniciativa de pedir ajuda", disse hoje à agência Lusa Helena Sampaio, da APAV.

Para alertar para esta situação, a APAV, através da sua rede nacional de Gabinetes de Apoio à Víctima e da rede de voluntariado, tem procurado dar visibilidade à violência exercida contra as crianças e os jovens junto dos alunos nas escolas, alertando para as diferentes formas de violência e para a importância de denunciar e pedir ajuda.

Helena Sampaio adiantou que a maior parte das situações de vitimação ocorre em contexto familiar e que as crianças, por iniciativa própria, "não quebram o seu silêncio".

"Há situações em que as crianças são expostas à violência e, contudo, há desconhecimento, há ausência de compreensão relativamente ao impacto da exposição em que as crianças são colocadas no contexto familiar e extra familiar relativamente às questões de violência", sublinhou.

"Daí que cada vez mais estarmos atentos e procurar dar visibilidade à violência exercida contra elas", acrescentou.

A Associação Portuguesa de Apoio à Víctima pretende "não só apoiar situações em que as crianças são vítimas, mas também sensibilizar a sociedade civil para estas questões sociais no sentido de cada vez mais dar conhecimento, melhorar a compreensão e denunciar as situações, com os devidos cuidados, e pedir ajuda nos serviços.

No âmbito da nova campanha, a APAV espalhou por vários pontos da Grande Lisboa 20 cartazes que mostram a foto de uma criança, em que os olhos refletem a imagem de um adulto a levantar a mão, com a mensagem: "Muitas crianças veem de noite aquilo que ninguém quer ver de dia".




APAV lança nova campanha de sensibilização sobre crianças vítimas de crime

A Associação de Apoio à Vítima alertou hoje que muitas crianças vítimas de crime têm dificuldade em denunciar a situação e, para sensibilizar a população para este problema, lançou uma campanha no âmbito do Dia Mundial da Criança.


Texto: NaoM Foto: Direitos Reservados



10h00 - 29 de Maio de 2013 | Sociedade

 Tweetar 0

 Share 3

 Aumentar texto Visualizações
 Reduzir texto 857

Entre 2000 e 2012 a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) registou um total de 8.274 processos de apoio de crianças e jovens vítimas de crime e de violência, que se traduziram num total de 13.438 factos criminosos.

“Sabemos que [este números] ainda são uma ponta do icebergue. Há muitas crianças que estão em silêncio e têm dificuldade em fazer valer os seus direitos e interesses e, naturalmente, tomar a iniciativa de pedir ajuda”, disse hoje à agência Lusa Helena Sampaio, da APAV.